DANÇA COM UM CROMOSSOMO EXTRA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE ABORDAGENS ARTÍSTICO-PEDAGÓGICAS

Palavras-Chave: Ensino de Dança, Deficiência, Abordagens pedagógicas, Síndrome de Down

Autoras:

María Fernanda Godínez Sosa, IA- UNICAMP

Profª. Drª. Ana Maria Rodriguez Costas (orientadora), IA - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A Síndrome de Down é uma condição genética caracterizada pela trissomia do cromossomo 21, o que implica alterações no desenvolvimento físico e cognitivo. Pessoas com essa condição podem apresentar comprometimentos motores, hipotonia muscular, dificuldades na comunicação verbal e aprendizado, embora apresentem ampla diversidade de habilidades (Paiva; Melo; Frank, 2018). Considerando essas especificidades, em contextos de ensino, torna-se essencial o uso de abordagens pedagógicas que respeitem os ritmos e potencialidades de cada indivíduo.

A dança pode ser compreendida não apenas como manifestação artística, mas também como uma linguagem educativa e um campo de construção de subjetividades. Ela contribui para o desenvolvimento da consciência corporal, da comunicação não verbal, da autoestima e do sentimento de pertencimento (Moreira, 2020). Dessa forma, o ensino da dança para pessoas com deficiência deve ser estruturado a partir de abordagens que acolham a diversidade corporal e estimulem a liberdade criativa.

Nesta pesquisa buscou-se identificar e analisar abordagens artístico-pedagógicas da dança voltadas para pessoas com Síndrome de Down, a partir da observação de práticas e do estudo sobre os métodos utilizados em aulas de dança ministradas por profissionais da área em duas instituições da cidade de São Paulo: o Núcleo Dança Aberta, que desenvolve projetos inclusivos com pessoas com e sem deficiência, e o Instituto Movimentarte, cuja atuação é voltada especificamente para alunos com Síndrome de Down.

Por conseguinte, examinou-se de que maneira as professoras estruturam suas aulas e, quais estratégias e procedimentos são adotados para promover a participação de todos os alunos no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, procurou-se identificar os recursos e materiais didáticos utilizados nas práticas corporais, observando como esses elementos contribuem para a construção de ambientes de aprendizagem mais inclusivos, acessíveis e sensíveis às necessidades individuais dos estudantes.

Entre os métodos de dança observados, destaca-se o DanceAbility, criado por Alito Alessi nos Estados Unidos no ano 1987, que propõe uma abordagem baseada na improvisação e na escuta corporal, possibilitando a participação de pessoas com e sem deficiência em um mesmo espaço de criação. O método rompe com padrões normativos da dança tradicional e valoriza a interação, a presença e o movimento como formas legítimas de expressão (Alessi, 2011). Essa metodologia foi identificada em práticas do Núcleo Dança Aberta, sobretudo nas aulas abertas mensais, nas quais há forte ênfase na espontaneidade, no contato e na construção coletiva do movimento pelos participantes.

No Instituto Movimentarte, observou-se a presença de elementos inspirados na metodologia desenvolvida pela própria instituição que se destaca por estar centrada na pessoa como protagonista do processo educativo. Essa metodologia permite aos professores combinarem diferentes abordagens pedagógicas conforme as necessidades dos alunos. Há uso de elementos lúdicos e materiais diversos para facilitar o engajamento e a compreensão das atividades. Compondo essa proposta metodológica, encontra-se o método Rambert Grades, desenvolvido pela Rambert School of Ballet and Contemporary Dance (Reino Unido), que combina estrutura técnica e liberdade criativa. O Rambert Grades propõe níveis de aprendizagem baseados em desafios técnicos progressivos e explorações coreográficas que valorizam a interpretação individual do movimento (Rambert School, 2022).

Destacam-se as contribuições de autoras como Paulino (2018), Skoning (2008), Vendramin (2014) e Luiz (2008) que discutem a prática pedagógica da dança em contextos inclusivos. Essas autoras abordam a importância da mediação docente, da adaptação metodológica e da centralidade da expressão corporal como caminho para a aprendizagem. Paulino (2018), em especial, destaca a dança como uma prática colaborativa, que deve respeitar as singularidades e promover espaços de criação compartilhada, indo além de estruturas fixas e normativas. Segundo a autora, a deficiência não deve ser compreendida como ausência ou limitação, mas como uma diferença a ser acolhida em propostas pedagógicas sensíveis e abertas ao diálogo.

METODOLOGIA:

Com uma abordagem qualitativa, o intuito da pesquisa foi aprofundar a compreensão sobre os processos pedagógicos envolvidos na prática da dança com pessoas com Síndrome de Down. O trabalho começou com um mapeamento inicial para identificar instituições e espaços que desenvolvem práticas de dança voltadas para pessoas com deficiência, especialmente aquelas com Síndrome de Down. A partir desse levantamento e dos contatos estabelecidos, foram selecionadas duas instituições situadas na cidade de São Paulo: o Núcleo Dança Aberta e o Instituto Movimentarte.

Inicialmente, procurou-se identificar os principais temas que atravessam este estudo, destacando-se as discussões relacionadas à dança como linguagem artística (Marques, 2010; Trada, 2009; Diniz, 2018), à Síndrome de Down (Vasconcelos, 2024; Powell-Hamilton, 2018), às relações entre

dança e educação (Noronha, 2023), bem como às pedagogias e às abordagens da dança voltadas para pessoas com deficiência (Vendramin, 2014).

Foram realizadas observações participantes nas duas instituições envolvidas na pesquisa. No Núcleo Dança Aberta, ocorreram três observações durante as aulas abertas, oferecidas um sábado por mês no espaço do núcleo. Já no Instituto Movimentarte, foram feitas quatro observações, uma a cada semana, com foco em uma turma específica que participava das aulas de dança contemporânea para iniciantes. Durante essas observações, foram elaboradas anotações detalhadas sobre as dinâmicas das aulas e os métodos utilizados na sala de aula, registradas em um diário de campo.

Com base nas informações coletadas por meio das observações e dos registros no diário de campo, foram elaborados roteiros para a realização de entrevistas semiestruturadas com as professoras responsáveis pelas aulas em ambas as instituições. As entrevistas tiveram como objetivo compreender, sob a perspectiva das docentes, os processos pedagógicos, as metodologias utilizadas, os materiais empregados, bem como os desafios e estratégias relacionadas ao ensino da dança com e para pessoas com Síndrome de Down. Essa combinação de procedimentos metodológicos visou possibilitar uma análise aprofundada e sensível sobre as práticas pedagógicas inclusivas desenvolvidas nos contextos investigados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

O foco principal desta pesquisa não foi a comparação entre as duas pedagogias observadas, mas sim a compreensão de como práticas pedagógicas inclusivas em dança se desenvolvem, a partir da observação e análise do trabalho realizado por profissionais e instituições que atuam na promoção da arte como um direito acessível, visibilizando espaços educacionais não formais onde a dança se efetiva de forma inclusiva e democrática na cidade de São Paulo.

Compreende-se que oferecer ambientes nos quais as pessoas possam se desenvolver, conviver, interagir e dançar com autonomia e sem preconceitos é fundamental para a formação de sujeitos mais independentes, críticos e participativos. Ressalta-se, ainda, que o acesso à cultura, ao lazer, ao esporte e ao turismo é um direito assegurado a todas as pessoas, inclusive às pessoas com deficiência, conforme previsto pelo Estatuto da Pessoa com Deficiência, instituído pela Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e consagrado por documentos internacionais como a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (Nova York, 2007).

No Instituto Movimentarte, é possível perceber uma abordagem pedagógica que se apoia fortemente em elementos concretos como bolas, tecidos, canetões e outros materiais utilizados durante as aulas. Esses recursos ajudam a tornar as propostas mais acessíveis, especialmente para os alunos que precisam de estímulos visuais para compreender melhor as atividades. A concretização das ideias por meio de objetos facilita o entendimento e amplia as possibilidades de participação.

Um aspecto que se destacou no Núcleo Dança Aberta foi o cuidado com o tempo e a velocidade dos movimentos durante as práticas. Como a improvisação é um elemento central na abordagem do grupo, a escuta do próprio corpo e do corpo do outro é constantemente incentivada. Nesse contexto, a noção de velocidade - seja ela mais rápida ou mais lenta - não é imposta de forma homogênea, mas respeitada de acordo com a percepção e o ritmo de cada pessoa na prática dançante. A compreensão de que cada pessoa possui um tempo próprio para se mover, perceber e se expressar corporalmente é fundamental para reconhecer que as conexões com o outro não se constroem a partir de um ritmo fixo ou previamente definido, mas sim no tempo necessário para que cada participante se sinta confortável para interagir, criar e dançar com autenticidade.

Apesar das diferenças conceituais e metodológicas, as observações e entrevistas com as profissionais das duas instituições revelaram que ambas compartilham uma base comum que consiste na valorização da pessoa como ponto de partida para o trabalho em dança, seguida pelo desenvolvimento das relações interpessoais e, posteriormente, pela integração no grupo como um todo. Cada instituição desenvolve essa lógica de maneira distinta: no Instituto Movimentarte, por meio de propostas mais coreografadas e estruturadas; no Núcleo Dança Aberta, por meio da improvisação e do estímulo ao encontro com uma gestualidade mais pessoal e espontânea.

Ainda que as abordagens se desdobrem de formas diferentes, ambas têm como foco central o protagonismo do participante, o respeito à sua individualidade, às suas percepções e possibilidades expressivas. Assim, a dança se configura como um espaço de construção autônoma e coletiva, adaptando-se às especificidades de cada grupo e contexto.

CONCLUSÕES:

O principal objetivo desta pesquisa foi investigar práticas pedagógicas inclusivas no contexto da dança para pessoas com Síndrome de Down. Com esse propósito, foram realizadas observações e entrevistas com professoras atuantes em duas instituições da cidade de São Paulo, buscando compreender quais estratégias são utilizadas nas aulas de dança e como essas práticas se concretizam na realidade pedagógica.

Durante o processo, constatou-se que as instituições observadas, o Instituto Movimentarte e o Núcleo Dança Aberta, adotam abordagens pedagógicas bastante distintas, o que enriquece a pesquisa ao proporcionar um olhar ampliado sobre diferentes formas de ensino inclusivo na dança. Enquanto no Instituto Movimentarte a proposta está mais voltada à construção coreográfica, utilização de materiais e introduções pontuais à improvisação, o Núcleo Dança Aberta baseia sua prática no método DanceAbility, priorizando a improvisação e a escuta corporal como caminho para a inclusão.

Ambas as instituições, no entanto, compartilham o compromisso com a criação de ambientes acessíveis e acolhedores, promovendo o protagonismo e a autonomia das pessoas com deficiência em

suas experiências corporais e artísticas. A análise das práticas observadas permite refletir sobre os caminhos possíveis para uma pedagogia da dança inclusiva, que valorize a diversidade, respeite os tempos e modos de cada sujeito e contribua para sua formação integral.

Esta pesquisa procurou trazer ao centro do debate uma temática importante no campo da dança na atualidade: a perspectiva educacional inclusiva. O estudo valorizou as diferentes pedagogias desenvolvidas por profissionais da área, destacando a importância de garantir o direito de acesso à dança a todas as pessoas, com e sem deficiência. Ao apresentar instituições que atuam na cidade de São Paulo, mais do que apenas mencioná-las, esta investigação buscou revelar, na prática, como essas organizações funcionam, quais propostas defendem e de que forma suas metodologias se aplicam concretamente. Apesar da premissa de que todas as pessoas têm o direito de dançar, esse direito, muitas vezes, é negligenciado pela falta de políticas públicas eficazes, formação docente específica ou acessibilidade nos espaços de ensino. Assim, esta pesquisa reforça a urgência de se criarem condições reais e equitativas para que a dança seja uma experiência possível para todos os corpos, promovendo inclusão e autonomia.

BIBLIOGRAFIA

ALESSI, Alito. **DanceAbility Teacher Certification Manual**. Eugene, Oregon: Joint Forces Dance Company, 2011.

LUIZ, F. M. R.; BORTOLI, P. S. D.; FLORIA-SANTOS, M.; NASCIMENTO, L. C. A inclusão da criança com Síndrome de Down na rede regular de ensino: desafios e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 14, n. 03, p. 497-508, 2008.

MOREIRA, Hellen Rejane. **O Ensino da Dança e suas Contribuições para o Desenvolvimento Social das Crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. 2020. 38 f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

PAIVA, C. F.; MELO, C. M.; FRANK, S. P. **Síndrome de Down: etiologia, características e impactos na família.** São Paulo: Faculdade São Paulo, 2018. Disponível em: https://maiscursoslivres.com.br/cursos/f3665043d7d6187da651726d9acfc06d.pdf. Acesso em: 4 maio 2025.

PAULINO, Belister Rocha; BAREICHA, Paulo Sérgio de Andrade. Movimento e expressividade - Dança educativa para alunos com deficiência intelectual. *PÓS:* **Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**. v.8, n.16: nov. 2018. Disponível em https://eba.ufmg.br/revistapos

RAMBERT SCHOOL. **Rambert Grades Syllabus Introduction**. London: Rambert Grades, 2022.

SKONING, S. N. Movement in dance in the inclusive classroom. **Teaching Exceptional Children Plus**, v. 4, n. 6, art. 2, 2008. Disponível em: http://escholarship.bc.edu/education/tecplus/vol4/iss6/art2. Acesso em: 13 mar. 2025.